

Apresentação

Pesquisas sobre a fonologia da criança



Este número temático de *Letras de Hoje* traz pesquisas muito recentes que abordam, sob o enfoque de teorias fonológicas, a questão da aquisição e do desenvolvimento do nível fonológico de uma língua pelas crianças. Na ampla maioria dos casos esse processo dá-se de modo esperado, adequado às necessidades da inserção da criança em sua comunidade lingüística.

No entanto, há uma parcela importante da população infantil que não atinge essa adequação sem receber intervenção por parte de um terapeuta de linguagem. Pesquisas realizadas nas últimas três décadas nos Estados Unidos e na Europa e há duas décadas no Brasil mostram que o estudo do sistema fonológico com desvios é possível e que a reorganização se processa com eficiência, rapidez e eficácia quando as decisões de terapia são baseadas em critérios fonológicos com fundamento em teorias fonológicas atuais.

Nove dos trabalhos aqui reunidos têm como objeto a fala de crianças com desvios fonológicos assim como a intervenção terapêutica nesses sistemas desviantes.

A pesquisa de Helena Bolli Mota, Ana Paula Silva da Silva e Carolina Lisbôa Mezzomo analisa as mudanças fonológicas ocorridas nos sistemas de sujeitos com desvio fonológico submetidos à fonoterapia por meio do modelo de Oposições Máximas Modificado, dividindo-os em grupos, de acordo com os critérios de ‘contraste’ e ‘reforço’ do traço [voz]. As autoras concluem que ambos os grupos apresentaram mudanças, sendo que alguns tipos de generalizações foram maiores para o grupo tratado pelo ‘contraste’ e outras para o grupo tratado pelo ‘reforço’.

Carolina Lisbôa Mezzomo, Janaína Sofia Baesso, Márcia de Lima Athayde, Roberta Freitas Dias e Vanessa Giacchini, por sua vez, investigam o domínio dos segmentos pós-vocálicos /N, l, S, r/ no português brasileiro, com o objetivo de estudar o contexto fonológico que mais favorece a aquisição das codas final e medial por crianças com aquisição fonológica normal. Os resultados apresentam implicações importantes para a terapia dos desvios fonológicos evolutivos na medida em que os ambientes favorecedores ao surgimento de sons ausentes no sistema desviante podem ser usados na terapia fonoaudiológica, na seleção de palavras-estímulo.

Márcia Keske-Soares, Regina Ritter Lamprecht, Karina Carlesso Pagliarin e Maria Rita Leal Ghisleni debruçam-se sobre a aquisição não-linear de duas crianças com desvio fonológico severo ou moderado-severo

durante o tratamento pelo modelo ABAB-Retirada e Provas Múltiplas. Concluem que a atenção do clínico deve estar voltada para a generalização dos fonemas trabalhados, mas que também é importante o conhecimento de que o processo de aquisição fonológica é não-linear, sendo a regressão comum durante o estabelecimento dos fonemas.

Carmen Lúcia Barreto Matzenauer discute a construção do sistema consonantal, em caso de desvio fonológico, a partir de processo de terapia. Defende que a adição de novos segmentos e classes naturais, bem como a ocorrência de generalização, são resultado da ativação de novos traços distintivos, motivada por dois movimentos – de expansão e de solidificação –, sendo o primeiro responsável pelo alargamento do sistema de contrastes e o segundo, pelo alargamento do sistema com base em traços já recorrentes/estáveis na fonologia da criança.

Carolina Lisbôa Mezzomo, Helena Bolli Mota, Roberta Freitas Dias e Vanessa Giacchini investigam, com auxílio da análise acústica, a presença de alongamento compensatório em casos de simplificação do onset complexo na fala de crianças com desenvolvimento fonológico normal e desviante. Seus resultados mostraram o emprego da estratégia nos onsets complexos formados por fricativa, principalmente pelo grupo com desvios. Nos onsets complexos formados plosiva ambos os grupos utilizaram o alongamento compensatório de forma semelhante. A análise acústica mostrou poder validar o conhecimento fonológico em relação à presença de onset complexo quando este ainda não é preenchido com os segmentos-alvo, apontando para a necessidade do uso da espectrografia para a realização de descrições fonológicas mais confiáveis.

Márcia Keske-Soares, Regina Ritter Lamprecht, Marizete Ilha Ceron e Ana Rita Brancalioni analisam o sistema fonológico de cinco crianças com preferência sistemática por um som. Conclui-se pela confirmação de que o nível do desvio é variável, sendo o sistema fonológico ininteligível devido à perda de contraste. Alertam para o fato de haver necessidade de ser estudado um número maior de sujeitos e de saber o tipo de desordem para atentar para o diagnóstico e a terapia.

Cristiane Lazzarotto-Volcão e Carmen Lúcia Barreto Matzenauer apresentam uma proposta de classificação do grau de severidade do desvio fonológico, com base em traços, levando em consideração a natureza fonológica do sistema desviante. São descritos os dados de cinco sujeitos com desvios fonológicos e é analisado o grau

de severidade desses desvios com base na proposta que é trazida.

Helena Bolli Mota, Márcia de Lima Athayde e Carolina Lisbôa Mezzomo analisam o desempenho de crianças com desenvolvimento fonológico normal e desviante em tarefa de Nomeação Rápida, comparam essa habilidade entre os grupos e correlacionam os achados com o sexo das crianças. Os sujeitos foram 14 crianças (12 do sexo feminino e 2 do masculino) com desenvolvimento fonológico normal (grupo controle) e 14 crianças (8 do sexo feminino e 6 do masculino) com diagnóstico de desvio fonológico (grupo estudo), todas com 5 anos de idade. O grupo controle apresentou média de erros superior à do grupo estudo, porém o grupo estudo gastou em média mais tempo para a realização da prova do que o grupo controle. Constatou-se, também, que as crianças do sexo feminino apresentaram, em média, mais erros e demandaram mais tempo para a realização da parte A da prova. Esses achados confirmaram em parte as expectativas das autoras, visto que era esperado que as crianças do grupo estudo apresentassem desempenho inferior ao das crianças do grupo controle, pois há indícios de que as habilidades do processamento fonológico encontram-se defasadas no primeiro grupo.

Giovana Ferreira-Gonçalves traz relevante contribuição teórica ao levar em consideração os avanços na neurociência nas últimas décadas. No seu trabalho, busca apontar as contribuições que a Teoria da Otimidade Conexionista pode trazer para descrição, análise e tratamento dos desvios fonológicos, tendo por base os dados de uma criança que apresenta queixas fonoaudiológicas em relação à líquida não-lateral /r/. Sob o enfoque da Teoria da Otimidade Conexionista, as características atribuídas à fala com desvios podem ser visualizadas pelo próprio funcionamento do sistema gramatical, expresso no Otimizador, em algoritmos de aquisição gradual e em hierarquias de restrições que compõem a gramática.

Mirian Rose Brum-de-Paula e Giovana Ferreira-Gonçalves repensam a emergência da gramática fonológica, assumindo um enfoque emergentista, a fim de traçar o caminho percorrido pela criança durante a conquista progressiva da linguagem articulada. Ao inscreverem as primeiras vocalizações, o balbucio e a produção das primeiras palavras dentro de um *continuum*, as autoras ressaltam que nenhum período do desenvolvimento da linguagem emerge *ex nihilo*.

Quando o nosso interesse e as nossas preocupações passam a se centrar no domínio de uma nova modalidade de linguagem, a escrita, o nosso foco de atenção concentra-se na relação da fala com o início da escrita, no período do letramento. Verifica-se, então, que a consciência fonológica é de central importância. Três dos trabalhos deste número têm as pesquisas sobre a consciência fonológica como alvo. Poder testar seus diferentes níveis, apoiar seu

desenvolvimento por meio de atividades lúdicas, usar essa capacidade do ser humano como preditor de sucesso ou insucesso e como um auxiliar na alfabetização são possibilidades a cada dia mais procuradas por lingüistas e pelos docentes e terapeutas. O que se afirmou na frase anterior vale tanto para as línguas faladas como para as línguas de sinais.

Ana Paula Rigatti-Scherer trata da importância da consciência fonológica e da explicitação do princípio alfabético no ensino da língua escrita. Em pesquisa longitudinal envolvendo professoras alfabetizadoras e seus alunos, a autora comparou um grupo experimental de cinco crianças que foram alfabetizadas por uma abordagem que incluía atividades de consciência fonológica e explicitação do princípio alfabético. Outras cinco crianças, constituindo o grupo controle, foram alfabetizadas sem essa abordagem. É importante salientar que as professoras do grupo experimental receberam treinamento no ano anterior à pesquisa. A autora conclui que atividades de consciência fonológica e de explicitação do princípio alfabético durante a alfabetização facilitam o ensino e a aprendizagem da língua escrita.

Melissa Bernardes Toffoli e Regina Ritter Lamprecht propõem um programa de estimulação das habilidades auditivo-verbais para alunos da primeira série do Ensino Fundamental com hipótese de escrita pré-silábica, e verificam a adequação e o efeito dessa estimulação na consciência fonológica. As habilidades auditivas estimuladas foram: detecção, discriminação, reconhecimento, seqüencialização e fechamento. O programa de estimulação foi considerado adequado, além de ter sido verificada correlação positiva entre a assiduidade no programa de estimulação e a taxa de crescimento no nível fonêmico da consciência fonológica.

Carina Rebello Cruz e Regina Ritter Lamprecht apresentam a elaboração, aplicação e análise de uma proposta de instrumento de avaliação da consciência fonológica, parâmetro configuração de mão, para crianças surdas utentes da Língua de Sinais Brasileira (LSB). A proposta de instrumento foi analisada quanto à sua aplicabilidade e eficiência. Os resultados demonstram que o instrumento proposto é efetivo para a avaliação da consciência fonológica do parâmetro configuração de mão.

Os estudos aqui reunidos apontam para a relevância do suporte teórico de base lingüística seja para a interpretação da emergência da gramática fonológica no sistema lingüístico da criança, seja para a terapia fonoaudiológica e para o estudo da consciência dos sons da língua tanto em crianças que adquirem língua falada quanto em crianças que adquirem línguas visoespaciais.

Regina Ritter Lamprecht
PUCRS/CNPq (Porto Alegre, Brasil)

Márcia Keske-Soares
UFMS (Santa Maria, Brasil)